

# ASTRÉA



ORDO AB CHAO



DEUS MEUMQUE JUS

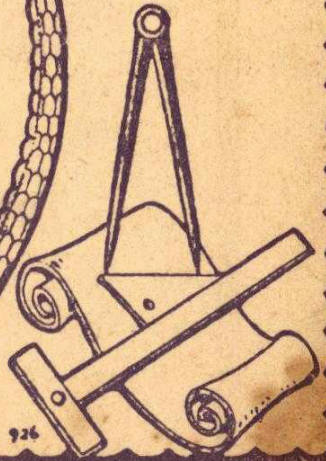
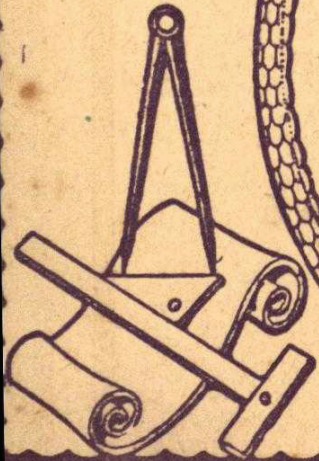
ORGÃO OFFICIAL DO SUPREMO CONSELHO DO BRASIL

ANNO V — N.º 4

ABRIL 1931

## SUMMARIO

Orientação segura.. . . . .	97
A Maçonaria no Brasil.. . . .	104
A Primeira Grande Loja.. . . .	110
Liberdade de Consciencia.. . . .	120
Os Mystérios Antigos e a Maçonaria Moderna.. . . . .	121





# “ASTRÉA”

Esta Revista, de caracter exclusivamente maçonico, será publicada mensalmente.

E' **Orgão Official** do Sob. . . Sup. . . Cons. . . do Gr. . . 33. . . do Rit. . . Esc. . . Ant. . . e Acc. . . para os Estados Unidos do Brasil.

Além da materia propriamente official, publicará esta Revista artigos abrangendo todos os assumptos maçonicos e os que á Maçonaria puderem interessar.

A collaboração é livre para todos os Iir. . . , sujeita, porém, ao criterio da direcção.

## PREÇO DE ASSIGNATURA

### BRASIL:

Anno . . . . .	20\$000
Numero avulso . . . . .	2\$000

### ESTRANGEIRO:

Anno . . . . .	30\$000
Numero avulso . . . . .	3\$000

---

Collecção completa do 1.º, 2.º, 3.º ou 4.º anno . . . . .	30\$000
--	---------

---

P E D I M O S   P E R M U T A  
W E B E G   E X C H A N G E — S E R U E G A   C A N J E

---

Toda correspondencia deve ser dirigida á

CAIXA POSTAL N. 2.486

RIO DE JANEIRO

BRASIL



# ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇONICOS

Orgão Official do Sob.:. Sup.:. Cons.:. do gr.:. 33º do Rit.:. Esc.:.  
Ant.:. e Acc.:. para os Estados Unidos do Brazil

---

## Orientação Segura

---

O facto de, apesar das constantes declarações formaes do Soberano Supremo Conselho para o Brasil, ainda hoje se propalar, no seio do Lavradio, que se está prestes á conclusão de um accordo no sentido de tudo harmonisar com a volta á antiga base do Tratado já denunciado, obriga-nos a reiterar aquellas declarações, para que não se veja em nosso silencio uma cousa parecida, siquer, com entabolações de negociações no sentido de uma *nova fusão* da Maçonaria Symbolica com a Maçonaria dos Altos Grãos, no Brasil.

Já temos dito e não nos cançaremos de repetir: — “*o que está feito está feito*” e a esta affirmativa, baseada na inalteravel conducta do Soberano Supremo Conselho, acrescentamos: “*e continuará como está*”, por isso que a solução dada ao magno problema da Maçonaria brasileira é a unica, a verdadeira, a admissivel e respeitada não só por todos os Supremos Conselhos Confederados como por todas as Grandes Lojas regulares do mundo, porque é a da Maçonaria Universal, da bôa e sã Maçonaria, fóra da qual tudo mais não passa de uma ridicula pantomima.

Não julguem os Ir.:., que se deixam influenciar pelos “disse que disse” dos corredores do Lavradio, que nos nossos grandes problemas maçonicos, em nosso paiz, entre, como minima particula siquer, a idéa de qualquer accordo entre o Supremo Conselho, já não dizemos com o Grande Oriente do Brasil, mas, nem mesmo, com as Grandes Lojas, as unicas organizações maçonicas regulares entre nós, sobre fusão ou cousa semelhante ou que cheire a assistencia, ou, muito menos interferencia, de um Corpo nos negocios do outro.



Quando o Supremo Conselho julgar conveniente levantar a única questão que lhe interessa, elle a levantará, seguro de seus inquestionáveis direitos. Isso, porém, ainda não está resolvido e ha muito tempo para esperar, pois não ha necessidade de precipitar os acontecimentos. Quanto, porém, a qualquer accordo sobre fusão ou mesmo união, este nunca poderá surgir porque o *Soberano Supremo Conselho do Gráo 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito para os Estados Unidos do Brasil*, parte integrante da Confederação Internacional dos Supremos Conselhos, não quer, não pôde e nem deve perder seu tempo com assumptos que não dizem respeito á sua vida interna nem á vida da Confederação.

Desde que o Soberano Supremo Conselho para o Brasil pode reintegrar-se em sua soberania, separando-se do Gr. Or. do Brasil, o seu programma tem sido o da inteira separação do Symbolismo e dos Altos Gráos, tanto assim que as suas theses, submettidas á Conferencia Internacional de Supremos Conselhos Confederados, realisada em Paris, em 1929, foram *ipse verbis virgulisque*:

- 1.<sup>a</sup>. — *Não é admissivel a um Supremo Conselho se unir administrativa ou liturgicamente a nenhum outro Corpo maçonico, mesmo quando este pratique, exclusivamente, o Rito Escocês Antigo e Aceito.*
- 2.<sup>a</sup>. — *“Um Supremo Conselho não pôde, absolutamente, exercer sua jurisdicção sobre as Lojas symbolicas que são, exclusivamente, da Jurisdicção e da autoridade das Grandes Lojas.”*

Não julguem os H. Ir. que estas theses foram formuladas ao “deus dará da sorte”; ao contrario, só foram apresentadas com serios fundamentos e acceitas depois de bem discutidas e bem estudadas.

Para que todos os Maçons brasileiros possam julgar do criterio que as formulou, vamos resumir, premidos pela falta de espaço, as razões que as ampararam no seio da Primeira Commissão, da encarregada de estudar as theses relativas á “legitimidade e regularidade dos Supremos Conselhos e sua organização.”

Eil-as:

*“Quando foram creados os Altos Gráos, já, ha muito, existiam os Symbolicos. Desde que se operou a transfor-*



mação de 1717-1722, estes organisaram-se sob a forma administrativa de Grandes Lojas, a mais simples e, por isso mesmo, a mais efficiente das organizações maçonicas.

Quando se organisaram os Supremos Conselhos (Grandes Constituições) ficou, perfeitamente, estabelecido o principio de não se envolverem estes Altos Corpos com os primeiros da escala maçónica. A Jurisdição dos Supremos Conselhos começaria, então, do gráo 18º, deixados os gráos até o 17º a de outros Corpos maçonicos.

Accentuada, como foi, a separação entre o Symbolismo e os chamados Altos Gráos ou Philosophismo, estendeu-se a jurisdição dos Supremos Conselhos a todos os gráos a partir do de Mestre, gráos estes praticados em Lojas de Perfeição, Conselhos de Cavalleiros Oriente e do Occidente, de Principes de Jerusalém, Capitulos de Rosa Cruz, Conselho de Cavalleiros Kadosch e Consistorios de Principes ou Mestres do Real Segredo.

Os Supremos Conselhos respeitaram, sempre, a jurisdição das Lojas Symbolicas, attribuindo-a, exclusivamente, aos Corpos dirigentes do Symbolismo puro, em sua maioria Grandes Lojas.

Essa foi, sempre, a sabia orientação nos paizes de origem anglo-saxonia, em que, jámais, se confundiram os poderes do Symbolismo com os do Philosophismo, demarcado, estrictamente, o campo de influencia dos Corpos da Maçonaria Symbolica e da Maçonaria dos Altos Gráos.

Nos paizes latinos, porém, a criação dos "Grandes Orientes" (a principio méra questão de nome, porquanto o primeiro Grande Oriente se destinava a praticar, apenas, um Rito e este mesmo symbolico) ao mesmo tempo que introduzia a confusão nos methodos de trabalho maçónico pela multiplicação de Ritos, conseguiu que os Supremos Conselhos existentes fossem, em sua grande maioria, inteiramente absorvidos pelos Grandes Orientes, passando a constituirem uma simples chancellaria dos Altos Gráos, destinada, apenas, a engrossar as rendas dos mesmos.

Esta é, infelizmente, a historia de quasi todos os Supremos Conselhos que se ligaram, por Tratados, com Gran-



des Orientes e tiveram, por muito tempo, até a sua simples autonomia, já não fallando em soberania, annullada, passando a regerem-se pelas leis dos Grandes Orientes, todas ellas absolutamente antagonicas com as leis universaes do Escocismo.

Foi o que se deu no Brasil, como em quasi todos os paizes latinos. Dahi, as constantes lutas intestinas na Maçonaria de varios paizes, lutas que, em varias épocas, têm echoado nas Conferencias dos Supremos Conselhos.

Foi, justamente, a multiplicação dessas Conferencias que restituiu aos Supremos Conselhos, que nessas deploraveis condições se encontravam, a consciencia da sua soberania, até então, descurada e desconhecida, levando-os a buscarem volver á regularidade, pondo em inteiro vigor as leis que, em todo o universo, regem o Rito Escocez Antigo e Aceito.

Foi o que fez o Supremo Conselho para o Brasil, em 1921, nas vesperas da Conferencia de Lausannia. Foi o que fez o da Hespanha, em 1922. Si, neste paiz, o facto se passou sem lutas, em outros, porém, o mesmo não aconteceu. O Supremo Conselho para o Brasil que, desde 1864, se unira ao Gr. Or. do Brasil, viu-se obrigado, em 1927, a romper essa união, reivindicando a sua soberania que aquelle Corpo, que, em seu seio, conta nada menos de cinco ritos diversos, insistia em desconhecer e em subordinar ás suas leis, com flagrante violação das leis universaes do Rito Escocez. As successivas deliberações das Conferencias Internacionais de Supremos Conselhos têm esclarecido as condições de regularidade desses Altos Corpos Escocezes.

Ainda na ultima reunião de Lausannia, em 1922, houve allusões claras, no seio da Commissão que estudava as theses relativas ás condições de regularidade dos Supremos Conselhos, a alguns desses Altos Corpos maçonicos na escolha dos seus membros effectivos e, até, na eleição do seu Grande Commendador.

Essa era, de facto, a situação do Supremo Conselho para o Brasil até 1 de Junho de 1921, pois que, pelas leis



do Grande Oriente, que lhe eram, até aquella data, impostas, bastava que um irmão fosse eleito Grande Secretario, Grande Thesoureiro ou Grande Chancellor do Grande Oriente pelo "Conselho Geral da Ordem" e fosse elle, apenas, Mestre no Rito Moderno, de York, de Schoeeder, ou do Adonhiramita, embora não pertencesse ao Rito Escocoz, para ficar, pelo facto dessa eleição, elevado ao grão 33<sup>o</sup> e investido das funcções de Grande Secretario, Grande Thesoureiro ou Grande Chancellor do Supremo Conselho!! Bastava que um Irmão que fosse eleito para o cargo de Grão Mestre do Grande Oriente para ser investido, immediatamente, das funcções de Soberano Grande Commendador!! Essa, aliás, ainda a lei do Grande Oriente do Brasil até agora em vigor. E foi por isso mesmo que, após o rompimento de relações com o Supremo Conselho, retirando-se este, o Grande Oriente creou, em seu seio, um "supremo conselho" irregular e clandestino que se arroga em disputar a jurisdição escocoz no territorio brasileiro.

Para evitar este e casos semelhantes, pareceu ao Supremo Conselho para o Brasil de toda a oportunidade que a Conferencia Internacional de Supremos Conselhos, reunida em Paris, completasse os dispositivos das deliberações dos Congressos anteriores, estabelecendo, clara e positivamente, não ser admissivel a ingerencia dos Supremos Conselhos no Symbolismo.

\*

\*      \*

Como corollario dessa deliberação, apresentou a outra these, cuja votação, perfeitamente dentro das leis escocozas fundamentaes, discriminará, nitidamente, os campos de acção maçonica do Symbolismo e do Philosophismo.

Preciso é que se diga que, assim como existiam Supremos Conselhos subordinados a leis votadas por corpos maçonicos a elles estranhos e que collidem evidentemente com as leis do Escocismo, Supremos Conselhos havia, tambem, que invadiam as attribuições do Symbolismo, conser-



vando-o inteiramente dependente de sua vontade soberana, governando-o discricionariamente.

Ora, si as reuniões anteriores de Supremos Conselhos têm procurado, em suas deliberações, evitar a intromissão de qualquer outro corpo ou organização maçônica na vida dos Supremos Conselhos, subordinando a essa condição o reconhecimento de sua regularidade, parece justo que, no Conferencia actual, se dêm arrhas da sinceridade das deliberações escocezas, evitando da mesma sorte que os Altos Corpos Escocezes possam intervir no Symbolismo.

A inadmissibilidade de uma união, tratado, pacto, ligação de um Supremo Conselho com qualquer outro Corpo, mesmo do Rito Escocez, evitará, para o futuro, a repetição, lamentavel sob todos os pontos de vista, das lutas entre corpos maçonicos como acontece em varios paizes, e, ao mesmo tempo, completará a serie de condições para o reconhecimento da regularidade dos Supremos Conselhos.

Estes Altos Corpos, directores do Escocismo, por isso que vão realisando o sonho dos fundadores da Ordem, isto é, conseguindo a sua perfeita internacionalisação para efficiencia mesmo do trabalho maçônico de approximação dos povos, precisam ser absolutamente soberanos, independentes em suas deliberações, sem laços ou ligações que lhes perturbem a orientação.

Delimitando, ou, antes, completando a delimitação dos dois campos — do Symbolismo e do Philosophismo —, parece que as theses apresentadas pelo Supremo Conselho para o Brasil, adoptadas que sejam pela Conferencia de Paris, servirão ao interesse do Rito Escocez, da Maçonaria em geral, e porão, definitivamente, termo ás perturbações que tamanho prejuizo têm causado á tarefa maçônica em varios paizes, principalmente, nos de origem latina.”

\*

\* \*

Ora, quem tal sustenta e defende, em um Congresso Internacional de Supremos Conselhos Confederados, não pôde, não quer e nem deve



admittir a minima modificação na situação actual da Maçonaria Symbolica e da Maçonaria Philosophica no Brasil.

Afastando-se, voluntariamente, de toda e qualquer interferencia nos negocios das Grandes Lojas brasileiras, o Supremo Conselho não pôde ouvir, sem energico protesto, os boatos espalhados, pelos Maçons do Lavradio, porque silenciar seria dar incremento a crendices que devem ser banidas de qualquer hypothese, mais ou menos provavel, de um sincero desejo de reconciliação no terreno do Symbolismo, isto é, entre as Grandes Lojas regulares do Brasil e o Grande Oriente do Lavradio, ou qualquer outro Corpo irregular e clandestino existente do paiz. O que o Supremo Conselho quer é o completo afastamento de seu nome de toda e qualquer conversação a respeito, por isso que elle nada tem a tratar com outro qualquer Corpo ou organização maçonica, fóra da Confederação Internacional de Supremos Conselhos, sobre assumptos relativos aos interesses dos Altos Grãos.

Feita ou não a união dos Maçons no Symbolismo, o que compete ao Supremo Conselho é julgar bôa ou má a pretensão de regularidade nos Altos Grãos, acto este que só a elle cabe resolver e que resolvido será de accordo com os elevados interesses da Ordem, sempre, porém, dentro das leis do Escocismo a que está, voluntaria e conscientemente, adstricto.

O mais, tudo isso que por ahi se propala, não passa de engodo do Lavradio para prender, em suas fileiras, um grande numero de Maçons, já agora, por conhecedores da verdadeira situação da Maçonaria brasileira, inquietos por tornarem á regularidade da qual se afastaram, confiantes em que verdadeiras eram as affirmativas e as promessas dos dirigentes do Lavradio e dos outros Corpos irregulares do Brasil, boatos que recrudesceram com a estadia do Ir. John H. Cowles, Sob. Gr. Comm. da J. S. dos Estados Unidos, no Rio de Janeiro e S. Paulo, e do Principe de Galles, Membro da Grande Loja de Inglaterra, Gr. Mestr. de uma Grande Loja Provincial, e de ambos se absterem, apesar de insistentemente convidados, de comparecer ás reuniões do corpo irregular do Lavradio.

TRAJANO

---



## A Maçonaria no Brasil

Desde os primeiros momentos em que se viu forçado á extrema resolução que tomou, o Supremo Conselho para o Brasil vem, com lealdade e firmeza, mostrando aos Maçons brasileiros qual a verdadeira directriz a seguirem na situação anomala creada por certos corpos irregulares e clandestinos que ainda, infelizmente, perturbam a marcha normal do ramo brasileiro da Familia Maçonica Universal. Ante sua autorisada orientação, de dia a dia, os olhos foram-se abrindo para ver e os ouvidos, anciosamente attentos, já sabem distinguir as sabias vozes dos ensinamentos da verdade.

Já se vae comprehendendo melhor a nobre e dignificante attitude assumida pelo Sob.°. Sup.°. Cons.°, denunciando o Tratado de 1864 e pondo em pratica, no Brasil, o regimen salutar da completa independencia administrativa e liturgica dos Altos Grãos e do Symbolismo. Não mais se admite o odioso e sedição papagueiar de que seus Membros — os Soberanos Grandes Inspectores Geraes — hajam agido por interesses outros que não os eminentemente maçonicos, pois, por terra e para sempre, cahiu a ballela, tão maldosamente apregoada, de incontidas ambições de dominio absoluto sobre o Symbolismo.

Na marcha crescente da verdadeira propaganda dos principios maçonicos, deixou, sempre, o Sob.°. Sup.°. Cons.°. que cada um tivesse a mais ampla liberdade de pensar e de julgar, para que não se o accusasse de haver forçado esta ou aquella deliberação individual, ou collectiva. Os que o acompanharam vieram porque estavam, como ainda estão (salvo, infelizmente, diminutas deserções), na certeza de que procederam dentro das regras immutaveis da Maçonaria regular.

Desde os primeiros dias, muito antes, portanto, de seu comparecimento ao Congresso de Paris, em 1929, tanta certeza tinha o Sob.°. Sup.°. Cons.°. de estar com a verdade que publicou um Decreto pelo qual dava inteira liberdade ás Lojas e aos Maçons do Rito de escolherem a qual dos dois campos queriam pertencer: ao da pratica integral do Symbolismo, em Grandes Lojas independentes e soberanas, ou ao da completa irregularidade, sob a obediencia do Gr.°. Or.°. do Brasil e de outros Corpos, tambem clandestinos, que infestam a nossa terra.

Conhecida a vontade expressa e livre das Lojas e dos Maçons nos



diversos Estados, surgiram, entre os que estavam bem esclarecidos, Grandes Lojas, soberanas em seus territorios jurisdicionaes, governando-se por si proprias, sem a interferencia de outro qualquer poder maçonico, principalmente da exdruxula *organisação mixta* — Gr.: Or.: e Sup.: Cons.: —, absurdo não mais compativel com a verdadeira pratica maçonica, obsoleta forma contraria ás bases fundamentaes dos principios universaes da Ordem, porque, amalgama de ritos incongruentes, era, é e será a balburdia, o cháos.

Com a separação completa do Sob.: Sup.: Cons.: para o Brasil do Gr.: Or.: do Lavradio, os desconhecedores da verdadeira Maçonaria *anteviram* o completo esphacelamento da Maçonaria em nossa terra, porque, diziam, “*fôra do Lavradio não ha Maçonaria e nem salvação*” e accrescentavam que, “*si juntos fôra impossivel uma acertada orientação, separados, agora, os dois poderes, seria a ruina, a morte*”. Os que assim pensavam esqueciam-se de que a ruina, a morte estavam justamente na *organisação mixta* (Supremo Conselho e Grande Oriente), inconcebivel e inadmissivel nos arraiaes maçonicos; que, em um vasto paiz, como o nosso, cujas communicações ainda não são rapidas e faceis entre os seus extremos limites e o centro, a centralisação mantida era o atrophiamiento do espirito maçonico, o aniquilamento dos ideaes da Ordem, o enfraquecer dos laços de união, porque impossivel era, e ainda é, a constante e imprescindivel assistencia do “Poder Central” sobre os elementos componentes da federação.

Não havia a necessaria communhão de vistas entre esse “Poder Central” e as Lojas, abandonadas estas nos longinquos orientes e condemnadas ao silencio de uma funesta escravidão administrativa, sem representação, quanto mais co-participação directa e consciente nas Assembléas deliberativas, a cujas reuniões *compareciam*, apenas, na pessoa de illustres Irmãos tão desconhecidos dellas quão desconhecedores dos interesses vitaes e do pensamento de suas constituintes. As Lojas distantes sabiam que existia uma corporação legisladora atravez, unicamente, da quotas que lhes eram impostas e de uma tyrannica imposição de obediencia, cujas fauces insaciaveis nem siquer lhes dava (iniquidade das iniquidades) o pleno direito de dominio sobre seus patrimonios, creados, sempre, sem o minimo auxilio, sem o minimo esforço do tal “Poder Central”.

Com a organização, porém, das Grandes Lojas, houve mutação completa no scenario maçonico do Brasil. De escravizadas á tutela



## A Maçonaria no Brasil

Desde os primeiros momentos em que se viu forçado á extrema resolução que tomou, o Supremo Conselho para o Brasil vem, com lealdade e firmeza, mostrando aos Maçons brasileiros qual a verdadeira directriz a seguirem na situação anomala creada por certos corpos irregulares e clandestinos que ainda, infelizmente, perturbam a marcha normal do ramo brasileiro da Familia Maçônica Universal. Ante sua autorisada orientação, de dia a dia, os olhos foram-se abrindo para ver e os ouvidos, anciosamente attentos, já sabem distinguir as sabias vozes dos ensinamentos da verdade.

Já se vae comprehendendo melhor a nobre e dignificante attitude assumida pelo Sob.°. Sup.°. Cons.°, denunciando o Tratado de 1864 e pondo em pratica, no Brasil, o regimen salutar da completa independencia administrativa e liturgica dos Altos Grãos e do Symbolismo. Não mais se admite o odioso e sedição papagueiar de que seus Membros — os Soberanos Grandes Inspectores Geraes — hajam agido por interesses outros que não os eminentemente maçonicos, pois, por terra e para sempre, cahiu a ballela, tão maldosamente apregoada, de incontidas ambições de dominio absoluto sobre o Symbolismo.

Na marcha crescente da verdadeira propaganda dos principios maçonicos, deixou, sempre, o Sob.°. Sup.°. Cons.° que cada um tivesse a mais ampla liberdade de pensar e de julgar, para que não se o accusasse de haver forçado esta ou aquella deliberação individual, ou collectiva. Os que o acompanharam vieram porque estavam, como ainda estão (salvo, infelizmente, diminutas deserções), na certeza de que procederam dentro das regras immutaveis da Maçonaria regular.

Desde os primeiros dias, muito antes, portanto, de seu comparecimento ao Congresso de Paris, em 1929, tanta certeza tinha o Sob.°. Sup.°. Cons.° de estar com a verdade que publicou um Decreto pelo qual dava inteira liberdade ás Lojas e aos Maçons do Rito de escolherem a qual dos dois campos queriam pertencer: ao da pratica integral do Symbolismo, em Grandes Lojas independentes e soberanas, ou ao da completa irregularidade, sob a obediencia do Gr.°. Or.°. do Brasil e de outros Corpos, tambem clandestinos, que infestam a nossa terra.

Conhecida a vontade expressa e livre das Lojas e dos Maçons nos



diversos Estados, surgiram, entre os que estavam bem esclarecidos, Grandes Lojas, soberanas em seus territorios jurisdicionaes, governando-se por si proprias, sem a interferencia de outro qualquer poder maçonico, principalmente da exdruxula *organisação mixta* — Gr.: Or.: e Sup.: Cons.: —, absurdo não mais compativel com a verdadeira pratica maçonica, obsoleta forma contraria ás bases fundamentaes dos principios universaes da Ordem, porque, amalgama de ritos incongruentes, era, é e será a balburdia, o cháos.

Com a separação completa do Sob.: Sup.: Cons.: para o Brasil do Gr.: Or.: do Lavradio, os desconhecedores da verdadeira Maçonaria *anteviram* o completo esphacelamento da Maçonaria em nossa terra, porque, diziam, “*fôra do Lavradio não ha Maçonaria e nem salvação*” e accrescentavam que, “*si juntos fôra impossivel uma acertada orientação, separados, agora, os dois poderes, seria a ruina, a morte*”. Os que assim pensavam esqueciam-se de que a ruina, a morte estavam justamente na *organisação mixta* (Supremo Conselho e Grande Oriente), inconcebivel e inadmissivel nos arraiaes maçonicos; que, em um vasto paiz, como o nosso, cujas communicações ainda não são rapidas e faceis entre os seus extremos limites e o centro, a centralisação mantida era o atrophiamiento do espirito maçonico, o aniquilamento dos ideaes da Ordem, o enfraquecer dos laços de união, porque impossivel era, e ainda é, a constante e imprescindivel assistencia do “Poder Central” sobre os elementos componentes da federação.

Não havia a necessaria communhão de vistas entre esse “Poder Central” e as Lojas, abandonadas estas nos longinquos orientes e condemnadas ao silencio de uma funesta escravidão administrativa, sem representação, quanto mais co-participação directa e consciente nas Assembléas deliberativas, a cujas reuniões *compareciam*, apenas, na pessoa de illustres Irmãos tão desconhecidos dellas quão desconhecedores dos interesses vitaes e do pensamento de suas constituintes. As Lojas distantes sabiam que existia uma corporação legisladora atravez, unicamente, da quotas que lhes eram impostas e de uma tyrannica imposição de obediencia, cujas fauces insaciaveis nem siquer lhes dava (iniquidade das iniquidades) o pleno direito de dominio sobre seus patrimonios, creados, sempre, sem o minimo auxilio, sem o minimo esforço do tal “Poder Central”.

Com a organização, porém, das Grandes Lojas, houve mutação completa no scenario maçonico do Brasil. De escravizadas á tutela



feroz e ferrenha do “Poder Central”, tornaram-se creadoras e regularisadoras directas de seus deveres e direitos, pela convergencia dos interesses geraes e mutuos sob o controle de uma verdadeira organização symbolica — a Grande Loja —, organização eminentemente democratica e fraternal, portanto, maçonica, e não aristocratica e imperialista como a em que se assentava a organização mixta (Gr.°. Or.°. e Sup.°. Cons.°.) e ainda se assenta o proprio Gr.°. Or.°. do Brasil com o seu “supreminho”.

Entraram as Lojas, directamente, na communhão geral de suas irmãs, e todas, unidas, nas respectivas Jurisdições, pelos laços indissolueis de uma Grande Loja, vêm, de então para cá, trazendo o concurso inestimavel de suas experiencias, de suas constantes observações, das necessidades locais, tudo manifestando, por seu voto directo, nas deliberações de sua Grande Loja. Ao emvez de terem, como representantes, Iir.°. que sempre foram inteiramente alheios á sua vida, são hoje, representadas por suas Luzes, isto é, pelos expoentes maximos de suas administrações, pelos mais profundamente conhecedores de seus interesses e de suas necessidades e, portanto, os unicos capazes de, em reunião fraternal com os demais interessados, fazerem leis geraes, organisarem orçamentos equitativos e reaes, harmonisarem tudo, sem ferir direitos nem crear privilegios odiosos.

Nos Estados em que os Maçons já tinham olhos para verem os absurdos do Gr.°. Or.°. e ouvidos para ouvirem sua voz de usurario contumaz, os Iir.°, immediatamente, confraternisaram, como sempre deveria ter acontecido, as suas Lojas, e estas, no mais perfeito accordo de ideaes, organisaram suas Grandes Lojas, não por “méro espirito de rebeldia” nem pelo espirito de “novidade”, mas porque sabiam que as organizações symbolicas — as Grandes Lojas — são, quando dentro dos Landmarks e das Antigas Constituições, a base fundamental da existencia de todos os ramos jurisdicionaes da Grande Familia Maçonica Universal.

E, assim, deu-se, naturalmente, a mutação do scenario maçonico no Brasil. Onde existiam Lojas abandonadas á propria sorte, afastadas da communhão fraternal de suas co-irmãs, ergueram-se ellas, scientes e conscientes de seus deveres e direitos, trazendo para as suas Grandes Lojas inestimavel concurso ao progresso maçonico e á divulgação necessaria das virtudes civicas ensinadas pela Maçonaria.

Ao contrario do que pregavam os terroristas e os desanimados, a



descentralisação não trouxe, absolutamente, a desorganização maçônica; trouxe, sim, o resurgir de forças poderosas que, convergindo, hoje, para os progressos locais, uniram-se, em acção conjuncta, pela e para a maior unidade do espirito maçônico geral, por isso que todas, dentro da propria e necessaria soberania de suas Grandes Lojas, cuidam de melhor cultivar, fortalecendo sempre e cada vez mais, o congressamento espiritual de todas as GGr.: LLøj.: e de todos os Maçons brasileiros.

Daqui destas columnas, temos, sempre, sido os propagadores e os defensores dessas velhas, porém, sempre novas e seguidas idéas e practicas da verdadeira Maçonaria. Com lealdade e convicção dissemos, e, ainda hoje, dizemos, a verdade das cousas e dos factos, sem temor da mais leve objecção, justa e ponderavel, de nossos adversarios. E, quando se nos acoimava de termos intuitos de enganar os Maçons brasileiros, porque, diziam os nossos gratuitos inimigos, a “verdadeira Maçonaria ficára no Lavradio”, para logo lançamos, em nosso numero de Junho de 1930 (pagina 151), respondendo a uma séria consulta de um Ir.: paulista, a seguinte declaração formal e sincera:

“Não discutimos mais esse assumpto, porque não vale a pena perder tempo. Toda gente sabe, elles mesmos sabem, que o que está feito está feito e nada mais arranjarão do que novas confirmações de sua irregularidade.

Em Setembro proximo, ou, sinão em Setembro, em principio de 1931, virá ao Brasil, em visita official ao Sob.: Sup.: Cons.:, o M.: Ill.: Ir.: John Cowles, Sob.: Gr.: Comm.: do Sup.: Cons.: da Jurisdicção Sul dos Estados Unidos; teremos, então, grande prazer em pol-o em contacto com os dirigentes do Corpo espureo do Lavradio para ouvir as razões em que elles estribam a sua pretensa regularidade. E, diremos mais: si, ouvidas essas razões e sem a nossa audiencia, o Ir.: Cowles achar siquer qualquer vestigio de razão nas allegações feitas, o Sob.: Sup.: Cons.: obrigar-se-á a dar por concluida a sua missão e cada um dos SSob.: GGr.: IIInsp.: GGer.: retirar-se-á, in continenti, para sua casa.”

Assim procedemos, e o Ir.: Cowles ouviu detidamente a varios Maçons do Lavradio, principalmente, aos inglezes, do Rit.: de York,



os que nos parecem mais conhecedores das cousas maçonicas. Nenhum Sob.°. Gr.°. Insp.°. Ger.°, nenhum Membro de qualquer das GGr.°. LLoj.°. assistiu a essas repetidas conferencias, que foram reservadas e fóra de nossa séde. Nenhuma, tambem, foi a observação feita, em contrario á nossa orientação, por tão eminente Maçon quão imparcial e criterioso arbitro.

Embora, até hoje, não conheçamos a palavra official do Ir.°. Cowles, temos a certeza de que deveremos continuar a nossa obra de regeneração, porque já começam a nos chegar noticias relativas á sua longa visita atravez da America do Sul.

No n.º 377 do *Scottish Rite News Bureau*, de Washington, encontramos a noticia, que abaixo trasladamos, e por cuja leitura melhor poderão os Maçons brasileiros deduzir a verdade:

*“O Grande Commendador John H. Cowles, 33º, após uma excursão de tres mezes, em visita aos Supremos Conselhos do Rito Escocez da America do Sul, regressou a Washington. Visitou, tambem, muitas Grandes Lojas sul-americanas. Attendendo a um pedido feito, ha alguns annos atraz, pelo então Gr.°. Mestr.°. da Grande Loja de Kentucky, informou-se da regularidade da Maçonaria Symbolica da America do Sul e ficou convencido de que existe Maçonaria regular em todos os paizes da America do Sul. Muitos desses paizes, entretanto, estão perturbados por maçonaria irregular ou clandestina. O Grande Commendador Cowles ficou satisfeitissimo por vêr que as Grandes Lojas do Equador, Peru’, Chile, Argentina, Uruguay e NOVE GRANDES LOJAS DO BRAZIL (RIO DE JANEIRO, S. PAULO, BAHIA, PARA’, PARAHYBA, CEARA’, MINAS GERAES, ESTADO DO RIO e RIO GRANDE DO SUL) são CORPOS MAÇONICOS REGULARES E PRATICAM OS LANDMARKS DA FRATERNIDADE.*

*No Brasil, a Maçonaria regular acompanha, perfeitamente, a dos Estados Unidos. Ha vinte Estados no Brasil e oito delles já têm Grandes Lojas, e tudo faz crêr que os outros tambem, em breve, constituirão a sua Grande Loja.*



*Na cidade do Rio de Janeiro, capital da Republica, já existe uma Grande Loja.*

*O Grande Commendador Cowles INTEIROU-SE, PROFUNDAMENTE, DA SITUAÇÃO DA MAÇONARIA REGULAR DO BRASIL E ACCEITOU A HONRA E DISTINCCÃO DE SER NOMEADO GRÃO MESTRE DE HONRA DAS GRANDES LOJAS DO RIO DE JANEIRO E DE S. PAULO. Foi, tambem, eleito Grande Membro Honorario da Grande Loja do Equador, do Supremo Conselho do Paraguay e de muitos outros Corpos Maçonicos”.*

\*

\*      \*

Como primeiras noticias, este artigo, de cujos topicos alguns mais referentes ao Brasil griphamos, já é a confirmação de que temos agido, sempre, dentro dos principios maçonicos.

Agora, perguntamos :

Onde está a Maçonaria Symbolica do Brasil?

Com as Grandes Lojas?

Com os Grandes Orientes do Lavradio, do Rio Grande do Sul e do Marrey?

Aos nossos Iir.:., a todos os Maçons brasileiros, a inteira liberdade de julgar. — TRAJANO.





# A PRIMEIRA GRANDE LOJA

---

Quando, em 1922, foi eleito Gr.°. Mestr.°. do Gr.°. Or.°. do Brasil, o nosso prezado Ir.°. Dr. Mario Behring encontrou desavindos os IIr.°. paulistas. Elementos obedientes á orientação do Ir.°. Marrey Junior haviam constituido um corpo espurio, intitulado — Grande Oriente e Supremo Conselho de S. Paulo.

Irmãos, que haviam ficado fieis ao, então, poder legal, procuraram refazer o Gr.°. Or.°. Estadual. Indo áquelle Estado, o nosso Ir.°. Dr. Mario Behring dissolveu esse Gr.°. Or.°. e creou a *Grande Loja Symbolica de S. Paulo*, com jurisdição, apenas, sobre os tres primeiros grãos.

Esse acto elle o praticou por Decreto, embora a Constituição vigente não o permittisse.

Apesar disso, o seu acto, submettido á consideração da Assembléa Geral, não só mereceu a unanime approvação desse Corpo Legislativo, mas, até, uma prova singular de sua plena acquiescencia á orientação do Grão Mestre, *indo incorporada* ao seu Gabinete participar-lhe o que havia resolvido.

Por isso se verá como o nosso Chefe, então Gr.°. Mestr.°. do Gr.°. Or.°. e Gr.°. Comm.°. do Supremo Conselho, desde os primeiros dias de sua gestão, sempre se orientou fortemente pelas bôas e sãs doutrinas maçonicas, separando o Symbolismo do Philosophismo.

A experiencia tentada com a primeira Gr.°. Loj.°. de S. Paulo não foi feliz pelos dissidios havidos entre os Irmãos paulistas. O exemplo, porém, ficou e acabou produzindo bons fructos.

Quando, pessoalmente, foi inaugurar os trabalhos da Gr.°. Loj.°., a 20 de Janeiro de 1923, pronunciou o nosso Sob.°. Gr.°. Comm.°. o discurso que damos a seguir, porque, publicado em avulso, constitue, hoje, peça bibliographica de extrema raridade. Neste discurso, se verifica a uniformidade de orientação de que, até hoje, não discrepou o nosso Chefe e, com elle, a maioria dos Maçons brasileiros.

*Sejam as primeiras palavras desta oração, que desejaria bem fossem ouvidas por todos os IIr.°. paulistas, uma saudação áquelles que, sob as abobadas do Templo erigido na terra dos Bandeirantes, commungam, com a mesma fé e o mesmo ardor, os puros ideaes, as sãs*



*doutrinas, os salutaes ensinamentos da Fraternidade Maçonica, que, unica, pôde envolver o Universo na cadêa mystica symbolica que ha de acabar, um dia, por fundir patrias e nacionalidades, dirimindo dissídios, aplainando as montanhas geradas pelos preconceitos, annullando as marcas fronteiriças, estabelecendo, enfim, o regimem pelo qual a Humanidade, relegados a um passado ominoso os erros seculares, se integrará naquelle Paraiso que os livros sagrados affirmam por nós perdidos, mas que, longe de se envolver nas dobras de um passado que se esfuma, devemos, de preferencia, antever como uma visão ridente nas mysteriosas possibilidades do Porvir.*

*Sejam estas palavras de saudação áquelles que, de geração em geração, desde os primordios da nossa nacionalidade independente, vêm, em um trabalho indefesso, contribuindo para a irradiação desses ideaes e dessas doutrinas dentro das fronteiras do grande Estado que é a honra e o orgulho de uma grande Patria; a esses admiraveis operarios que, dentro da Arte Real, tantas e tão soberbas construcções souberam erigir e que a vós, depositarios, agora, dessa obra secular, cabe, com o vosso esforço e o vosso espirito de sacrificio, com a vossa fé maçónica, aperfeiçoar e melhorar.*

*Porque aquillo a que devemos consagrar o melhor do nosso esforço é, justamente, aperfeiçoar e melhorar o meio maçónico brasileiro.*

### CONSERVAR MELHORANDO

*Não sei si já reflectiram bem os meus IIr.º no paradoxo singularissimo que representa o systhema de nossa Ord.º na suprema sabedoria, que inspirou a architectura maçónica. Quero crer bem que o hajais feito, pois não seria de esperar que a intelligencias dadas ás especulações philosophicas, a olhos abertos á observação quotidiana dos acontecimentos, houvessem, por ventura, escapado esses detalhes, occultos, ás vezes, sob o véo de um symbolismo maravilhoso, e que, no conjuncto, parecendo meros ornatos postos como remate, o olhar prescrutador do iniciado tem de classificar como pedras basilares do edificio.*

*Assim a singularidade de ser a Maçonaria um Instituto conservador por excellencia, conservador na forma e nas formulas, conservador na tradicção e nos methodos de trabalho, conservador nos processos de recrutamento de elementos de capacidade, conservador na escolha dos seus dirigentes e, entretanto, dispersador, pelo Universo, dos mais avançados ideaes de liberalismo.*

*E' que a Maçonaria, guarda das tradicções melhores da Humanidade, mantendo o culto perenne das grandes conquistas para as quaes concorreu, prepara, no ambito de seus Templos, sob as abobadas sagradas dos seus centros de reunião, o espirito dos novos para as transformações por que, ainda, ha de, fatalmente, passar o Universo.*

*Mas prudente, reflexiva, temperada, com os seus methodos, dentro*



dos seus rituaes, soffrêa os impetos desses espiritos novos para que a precipitação não faça periclitár o exito dos esforços empregados.

Sua orientação uniforme de trabalho é — conservar melhorando.

### O RITUAL, ESCOLA DE DISCIPLINA

Os novos iniciados, penetrando nos *AAug.* e *MMyst.*, sentem-se todos, ou quasi todos, chocados pelas extranhas formulas que presidem os trabalhos maçonicos. E si, espiritos superficiaes, não estudam o que veem, si só veem nelles e nos symbolos as exterioridades que, brilhantes embora, lhes parecem desvaliosas e chocantes pelo seu aspecto de vetustez a collidir com as idéas do modernismo corrente, dizem, então, que a nossa época já não permite se conserve esse vão tradicionalismo e carecem ser refeitas as archaicas formulas dos trabalhos maçonicos; analysando esses velhos rituaes, transmittidos de geração em geração, propõem elles, os novos maçons, na sua, muita vez, ardente e generosa ancia de aperfeiçoamento, o abandono desses methodos obsoletos, carecedores de reforma condicente com o espirito do seculo; a critica irreverente, nos torneios espirituaes das Officinas, ceva-se nessas velharias incongruentes e já fóra de moda, relegando-as para a poeira dos archivos, em cujo silencio tumular deviam, de ha muito, jazer embalsamadas.

Aspirações são essas que, com o tempo, passam; si á impressão dos primeiros momentos succede a analyse calma, fria, percucientemente observadora, a esse ardor precipitado succede, tambem, com o reflexão ponderada, a convicção do valor das formulas, do culto das tradições nos trabalhos maçonicos.

E' que o Ritual é, por excellencia, a escola da ordem e da disciplina.

E sem ordem e sem disciplina, todos os esforços perder-se-ão improficuos, dispersar-se-ão e a obra maçonica jámais se realizará

Ao contrario de, como temos feito, descurar essas formulas, devemos, antes, aprimoral-as, porque a Loja é a Officina de aperfeiçoamento humano e é dentro dessas tradições de ordem e de disciplina que pódem ser preparados os espiritos para a tarefa restructora da Humanidade. Operarios somos, ainda, da Arte, que nós mesmos denominamos *Arte Real*; si não somos operarios manuaes, cabe-nos, entretanto, a denominação de *livre-constructores*. Todos os nossos esforços tendem á construcção do immenso Templo da Humanidade, construcção intellectual e moral a um tempo. E, para essa tarefa, é necessario o trabalho efficiente, o esforço pertinaz, a decisão perseverante, a resolução obstinada, a vontade inquebrantavel, o animo decidido, a coragem sem desanimo.

Aquelle que transpõe, vindo do mundo profano, os humbraes dos nossos Templos contráe um formidavel compromisso para consigo pro-



prio e para com a Maçonaria. Elle vem comungar connosco em uma tarefa a que se consagraram os nossos maiores, a que se consagrarão os nossos descendentes — a symbolica transformação da “pedra bruta” na “pedra cubica”, que nada mais é do que o aperfeiçoamento do material humano. A Loja recebe o Profano cego pelos preconceitos e, desvendando-lhe a Luz maçónica, fal-o volver ao mundo, transformado o seu espirito por nosso doutrinamento, em um novo ser que ha de, por força, cooperar para a obra sublime de melhoramento da Humanidade.

Si não fosse esse trabalho, que justificativa teriam, hoje, as nossas reuniões?

A nós, Maçons, não é bastante pertencer a uma sociedade que atravessou seculos de existencia, porque a idade não é prova sufficiente de utilidade...

A nós, Maçons, é mister o trabalho util de preparo espiritual, de aperfeiçoamento moral, não nos cingindo, unicamente, ás reuniões em que, ao golpe dos malhetes, “pompeia (como já o disse algures) a petulancia ignara dos cultores de fanfreluches e lantejoulas, dos caçadores de honrarias, dos colleccionadores de fitinhas e medalhas, dos pavões da Maçonaria, soberbos na sua variegada plumagem, aves de adorno e luxo sem maior utilidade do que regalar a vista na sua pomposa e inutil ostentação espectacular”.

A Loja é uma escola e como escola deve ser olhada.

O Veneravel é o Mestre, ao qual todos os Irmãos devem obediencia e respeito.

O trabalho ritualistico que só deve servir para entreter e fortificar, em Loja, a vontade constructiva dos Irmãos, fôra, sem isso, uma superstição vã, uma “puerilidade sublime”, como affirmou aquelle celebre aventureiro Jacques de Casanova, cujas aventuras galantes enchem de escandalo o XVIII seculo.

“Culto ao Ritual” — conservar; “trabalho” efficaz pelos destinos da Humanidade; “melhorar”, eis, ahí, a formula, eis a tradição da Ord. . .

Estudar os antigos usos, aprofundar o seu sentido, executar o que elles nos determinam, desvendar o seu espirito occulto, é isso a espiritualisação da obra maçónica.

Vêde o que nos diz Anderson, nas primitivas Constituições dos Maçons Livres: “A Maçonaria é o unico meio de crear um centro de unidade entre os homens que, sem isso, jamais se conheceriam; de attenuar as divergencias que os separam, só lhes exigindo a religião sobre a qual todos estão de accordo, isto é, a pratica da probidade, da lealdade, da moralidade”.



## A MAÇONARIA, FACTOR DE UNIÃO

Na Maçonaria não ha distincções de raças, de fortunas, de origens, de linguas, de religiões, de opiniões politicas; não ha, não póde haver, nem um valor têm. Essas differenças não pódem prejudicar o espirito de fraternidade, o affecto que liga uns aos outros os bons e leaes Irmãos. E essa noção, fundamental nas idéas maçonicas, constitue o caracter especial da Associação que, encerrando os elementos mais differenciados pelos pontos de vista politicos ou religiosos, não concorrem essas differenciações, absolutamente, para que se turbe, siquer, a serenidade da vida e dos trabalhos nos agrupamentos de Irmãos em Officinas.

Não perderei a opportunidade de repetir, mais uma vez, os sabios ensinamentos do Gr.° Mestr.° da Gr.° Loj.° de Manitoba, em 1921, — Ir.° Percy Kelet, — mais valiosas ainda por partirem dos labios de um Ir.° pertencente á orientação ultra-conservadora da Maçonaria: “Remontando ao seu caracter fundamental, o objecto essencial de nossa Fraternidade, parece-me que é offerecer individualmente a cada um dos seus membros uma opportunidade mais favoravel de desenvolvimento pessoal, de conhecimento mais aprofundado de si mesmo e da capacidade propria para prestar serviços. Si, por uma causa qualquer, esses motivos se perdem de vista, ou si na sua acção se obscurecem, nossa Instituição não tem mais razão de ser, não tem mais um lugar effectivo em um mundo constituido, como o é, em nossos dias. Esse objectivo não é susceptivel de ser attingido somente pelo cumprimento rigoroso das ceremonias do Ritual. Nossas verdades e nossa moral devem encontrar uma applicação pratica em um trabalho de elevação da Sociedade. A menos que possamos provar que trabalhamos para semelhante obra, as gentes serias não terão tempo nem disposição para se interessar por nossos trabalhos. Não podemos desprezar as grandes correntes de pensamento e de acção que nos rodeiam... Nossa confraternidade tem por obrigação produzir frutos... Si aos olhos da Humanidade a Maçonaria não se affirmar, na realidade, como um poder constructivo, ha de ir, fatalmente, cahindo no insondavel olvido que tantas outras instituições tem devorado...”

“Estamos em vespervas do dia em que instituições, como a nossa, ou terão de desempenhar um grande papel, ou desaparecerão”.

Ahi estão, em rápidos traços, esboçados os deveres da Maçonaria para com a Humanidade.

Quer dizer que, antes de mais nada, carece ter a Ord.° uma orientação uniforme, dentro e fóra dos Orientes, dentro e fóra dos Grandes Orientes, passando as fronteiras das Nações, universalisando-se por fim.

O caracteristico principal da Maçonaria, aquelle que mais a valorisa, é justamente o seu internacionalismo. O Maçon precisa, chegado



a qualquer parte do mundo, trabalhar maçonicamente, fraternisar com os Irmãos espalhados pela superfície do globo. Si lhe tirarmos esse character, si limitarmos o seu campo de acção ás marcas lindeiras de um paiz, amesquinha-se; no seu isolamento, que contribuições serão as suas, possíveis, para as resoluções de problemas que interessam ao geral da Humanidade?

E' o abastardamento da Instituição, a negação da fraternidade, o desconhecimento das bases immutaveis da Ord. . ., o desvirtuamento dos principios mesmo em que assenta a nossa doutrina.

Ainda ha pouco, em documento profusamente espalhado pelo Estado de S. Paulo, se allegou que a Maçonaria sendo um ideal, a sua acção poderia ser limitada ao territorio de um Estado.

Maçonaria de um Estado! Mas, por ventura, póde alguém admittir essa diminuição de capacidade, essa Maçonaria fragmentada, essa Maçonaria de retalhos, essa Maçonaria microscópica, essa Maçonaria castrada, emfim!

Mas, si a Maçonaria é a aguia poderosa que alcondora o vôo até os infinitos azulados e do alto domina o Universo inteiro, como aparar-lhe os victoriosos remigios, dando-lhe o curto e pesado vôo de palmpede, entre as quatro paredes da "basse-cour"!

Não. A Maçonaria é e tem de ser universal.

A Maçonaria é e tem de ser o factor da União da Humanidade. Essa é a missão que lhe foi traçada, essa é a missão que lhe cabe desempenhar no mundo.

No discurso do Ir. . . Percy Kellet, a que me referi anteriormente, ha allusão á necessidade de affirmar a Maçonaria o seu poder constructivo aos olhos da Humanidade, para justificar a sua existencia.

Essa obra não pode morrer dentro das fronteiras de um Paiz, menos de um de seus Estados constitutivos. Ella não póde conhecer fronteiras. E' uma contribuição universal da Maçonaria.

E' por isso que as Potencias Maçonicas, regularmente formadas, se reconhecem, permutam Representantes e se correspondem activamente; é por isso que os Congressos internacionaes se ameudam e nelles se accordam as medidas defensivas contra organizações espurias que falsificam o ideal maçónico do internacionalismo. A orientação maçónica carece de ser uma e unica. E a tendencia é para isso; grandes passos já têm sido dado para conseguir essa orientação uniforme e longe não está o dia consagrador dessa uniformidade nos pontos de vista das diferentes Potencias espalhadas pelo mundo.

A guerra formidavel, que abalou o universo em seus fundamentos, foi uma fonte de ensinamentos fecundos.

Aos responsaveis pelos destinos da Maçonaria, nos diversos paizes, não escapou a circumstancia de que essa falta de uniformidade na orientação foi desastrosa no momento em que a acção maçónica, talvez, pudesse sustar o surto da grande catastrophe, e, embora muita vez,



naquelles dias luctuosos para a Humanidade, fizesse sentir a Ord.<sup>o</sup>. Maçonica a sua acção humanitaria, ficou, em todos os espiritos dos verdadeiros Ir.<sup>o</sup>., a pungir o espinho de remorso pela não realisação da grande obra tantas vezes pregada e outras tantas adiada por preconceitos hoje, felizmente, desapparecidos.

As duas grandes correntes em que se dividia a orientação maçónica — a “Maçonaria Humanitaria”, que se atirou, sempre, corajosamente ao estudo dos problemas que interessam a Humanidade, e a outra, immovel na rigidez hieratica de sua formula, limitada a sua acção á pura philantropia, vão, aos poucos, como dous cursos dagua por longa extensão separados, se encaminhando para um leito commum. Não fôra o temor de fatigar, ainda mais, o vosso espirito e eu vos leria as observações sobre o assumpto proferidas pelo ex-Grande Commendador do Supremo Conselho n.<sup>o</sup> 1 (Jurisdição Sul dos Estados Unidos) quando se tratava da organização da ultima Conferencia de Lausanne. Que aqui fiquem, entretanto, as suas conclusões, demonstrativas de que a Maçonaria anglo-saxonia se afasta, emfim, do seu soberbo isolamento e vem, com sua orientação nova, responder aos anceios da Humanidade na hora presente. Eil-as:

a) — “E’ necessaria uma acção internacional mais concorde na hora presente. A Maçonaria, depois de uma guerra tão horrivel e depois da fallencia de tanta ideologia hypocrita, tem o dever imperioso de organizar a opinião liberal no mundo inteiro, dirigindo-a para um obra de reconstrucção moral, politica e mesmo economica.

b) — A guerra é um processo onerosissimo de dirimir as questões internacionaes. Os Maçons do mundo inteiro devem estar unidos para coöperar pela reconciliação dos homens e para encorajar e extender a funcção juridica ás questões internacionaes, trabalhando sobre uma base de justiça e generosidade para a formação do estado de animo necessario para tornar o arbitramento obrigatorio e, assim, a paz com o desarmamento.

c) — O communismo não póde resolver a questão economica, porque importa em uma espantosa diminuição da efficiencia e da producção em um mundo do qual a força mais efficaz, que impelle os homens ao esforço e á producção, é o desejo de augmentar o seu bem estar individual. Por outra parte, porém, a greve não é sinão outra maneira dispendiosa de decidir as questões que surgem entre o capital e o trabalho.

“Seria tempo já que os Maçons do mundo inteiro, substituindo pelo verdadeiro principio da fraternidade o principio violento e, muita vez, insincero dos doutrinadores do communismo, cooperassem para crear, no mundo, a atmospheria na qual se possa, em cada paiz, dirimir todas as questões entre o trabalho e o capital, dentro da ordem e com inteira e geral justiça, sem interromper a producção e a creação da riqueza. Poder-se-ia tentar isso mediante a instituição de tribunaes em que esti-



vessem representados todos os interesses, mas que fossem, principalmente, animados pelos princípios de fraternidade que inspira a Maçonaria”.

Ahi tendes a prova de quanto affirmei. A Maçonaria tem de resolver esses problemas em todo o universo, constituindo-se o magno factor da União.

Mas, dentro da Maçonaria, assim como ha problemas internacionaes, outros nacionaes existem a que ella pôde dar a sua cooperação poderosa, mas trabalhando unida dentro das fronteiras de um paiz, sem deserções, sem lutas, com a orientação firme e uniforme. Porque, não ha negar, assim como no Universo é a Maçonaria factor da União, dentro das fronteiras de um paiz passa a ser um factor de Unidade.

### A MAÇONARIA, FACTOR DE UNIDADE

Distribuidas pela vastidão de um territorio immenso, em que os habitos, usos, costumes, tradições se vão, a pouco e pouco, se differenciando, convertem-se as Lojas Maçonicas, unidas todas por um pensamento commum, sujeitas todas a um systema harmonico, pedras espalhadas cuja congregação fórma o grande Templo maçonico brasileiro, cellulas de um organismo unico, élos de uma mesma cadêa, em factores da unidade nacional, destinadas a oppôr ao surto dos symptomas de desagregação, de desintegração nacional, os esforços da sua disciplinada resistencia.

E é por isso, que, dentro de um paiz, a Maçonaria carece ser una. Nem se comprehende a possibilidade de existirem grupos inharmonicos, cuja opposição nada justifica a não ser aquella ancia de mando que não pôde existir no coração dos verdadeiros maçons, eu vol-o affirmo com a mão na consciencia, o coração tranquillo, como depositario que sou, não já das supremas honras, mas das supremas responsabilidades de Chefe da Ordem Maçonica no Brasil.

E foi assim, pensando e pesando e medindo bem essas responsabilidades, que busquei comvosco cooperar na fundação deste Corpo que ora assume a direcção administrativa das Lojas do Estado de S. Paulo, crente de que, em torno ás suas bandeiras, se congregação todos os Irmãos que vivem neste glorioso torrão do territorio brasileiro.

Foi assim, pensando e pesando e medindo bem essas responsabilidades, que solicitei dos poderes competentes a approvação de meu acto que importou em profunda modificação nas leis que regem os destinos da Maçonaria brasileira, por entender que, ao gesto de fraternal estima, só poderiam responder gestos de franqueza igual.

Estou certo de que a nova organização dada á Maçonaria paulista em muito contribuirá para o seu desenvolvimento. E, quando a reforma da actual Constituição permittir o aperfeiçoamento do systema, quando, regularmente organizado, o aparelhamento maçonico paulista mo-



vimentar todas as suas peças, duvidas não tenho, duvidas não terá ninguém de que a Maçonaria neste Estado volverá ás suas brilhantes tradições, relegados ao olvido os factos que, por tanto tempo, lhe empeceram a marcha.

Esses, meus Irmãos, os meus pontos de vista em relação á Ord. . ., da qual somos todos servidores, depositarios ephemeros de um legado que devemos transmittir augmentado aos que nos succederem.

De mim se indagou, muita vez, qual o meu programma, quando a vontade dos Maçons brasileiros chamou-me ao primeiro posto, cumulando-me das responsabilidades com que arco na hora presente.

E a todas as perguntas, eu respondi, sempre, com a negativa. Não sei da necessidade de programmas em Maçonaria. O programma de qualquer administração está, de antemão, traçado dentro da Ord. . . Cumprir á risca o que nos mandam as nossas leis, as nossas tradições — que mais vasto programma a executar?

Mas... para isso é mistér que haja perfeita communhão de pensamentos, perfeita unidade de decisão, perfeita conjuncção de esforços. A velha parabola do feixe de varas tem, sempre, applicação nos factos da Ord. . ., na vida maçonica. Carecemos de união, base de nossa força.

Ha, para mim, duas organizações perfectas no mundo, duas maravilhas oriundas do engenho humano — a Maçonaria e a Igreja Catholica—. Uma e outra já, muita vez, demonstraram as suas possibilidades de acção. O Templo maçonico sempre se revelou superior, mas, vivendo no seio da sociedade profana, não tem conseguido que, ás suas portas, morra o écho das dissenções humanas.

Esse o nosso mal.

Esse o symptoma do nosso enfraquecimento.

Ha cem annos, um punhado de Maçons, duas centenas si tantos, reunidos em um modesto quarto de casa alugada á rua, hoje, Frei Caneca, quasi ao chegar á Praça da Republica, fazia a independencia do Brasil.

De uma Loja modesta, ao Or. . . de Londres, fundada pelo General venezuelano Miranda e a que pertenceram San Martin, Rivadavia, Belgrano, Domingos José Martins — a Loja Lautaro —, partiu a scintella que propagou o incendio das idéas de independencia na America Latina e que, ainda, encontrou écho na Revolução de Pernambuco, em 1817.

Essa são para nós, Maçons deste continente, as provas do valor da Maçonaria como agente operativo.

Dizem os que não aprofundam as tradições da Ord. . . que o seu papel, no mundo, terminou, que já não ha lugar, nos tempos que correm, para as Sociedades Secretas.

Em primeiro lugar, a Maçonaria não é uma Associação Secreta. E', antes, discreta. Todo o mundo sabe, de facto, onde se reúnem os MM. . . e estes não se occultam porque têm garantido pela lei o seu direito de reunião.



Mas confessar que o papel da Maçonaria já terminou e nada mais justifica a sua existencia é uma insensatez que não merece commentario serio.

Escola de philosophia e de moral, escola de aperfeiçoamento humano, ella terá, sempre, Lojas no Universo, até que a evolução e o progresso nos levem ao Paraiso que, como disse a principio, devemos tentar reconquistar ou, antes, construir com o nosso esforço.

Entre os grandes problemas a que alludiu o Sob.°. Gr.°. Comm.°. do Supr.°. Cons.°. da Jurisdição Sul dos Estados Unidos, dous avultam cuja resolução só pôde ser obra da Ord.°. Maçonica — a abolição da guerra e a identificação dos interesses entre o capital e o trabalho, abolidas as rivalidades entre povos e os conflictos entre operarios e patrões.

Essa é a obra suprema de fraternidade que precisa ser feita e que só a Maçonaria, a grande niveladora, com os seus tradicionaes ensinamentos, pôde realisar.

Esse o problema internacional.

O preparo intellectual, a extincção do analphabetismo, o saneamento dos sertões, o despertar da consciencia popular, o doutrinamento pela verdade eleitoral — eis alguns dos nossos problemas nacionaes. E, deante de uma tarefa gigante como esta, que reclama imperiosamente o nosso concurso de Adeptos, como affirmar que a Maçonaria não tem mais razão de ser?

Não, meus respeitaveis Irmãos, aquillo que carecemos mostrar é que ella, de facto, existe.

E' isso que espero de vós... O meu appello constante aos MM.°. brasileiros, desde a primeira hora em que eu empunhei este Malhete, foi o de volverem todos á tarefa que nos incumbe ainda. E na hora presente, em que reato os trabalhos interrompidos do Corpo autonomo do Estado, installando e regularisando os trabalhos da Grande Loja Symbolica de S. Paulo, é, ainda, o mesmo appello que vos faço: Trabalhemos!

Quando nos devotarmos, realmente, a um trabalho util, efficiente, não haverá tempo para as dissensões, que só a ociosidade gera. E, dentro de nossos Templos, não pôde haver logar para o ocioso.

O Maçon é um individuo que vive a se sacrificar a um ideal supremo. A esse ideal sacrifica os seus momentos de descanso, a sua actividade, as horas que consagraria á familia, os recursos que lhe advem do labor diuturno. A vida do verdadeiro Maçon é esse tecido de sacrificios que elle faz a sorrir, face ao alto, onde paira o nosso ideal abençoado.

Somos bem os illuminados, os que só vivem a sonhar as Sublimes Utopias. E' que somos crentes de que, com o nosso trabalho, essas Utopias hão de se converter, um dia, em risonhas realidades.

Vós fostes, sempre, Irmãos de S. Paulo, os pioneiros das grandes



*conquistas entre os vossos Irm. dos outros Estados. E' a vóz calorosa e amiga de todos os Maçons espalhados pela superficie de nosso territorio, das florestas acreas aos pampas do Rio Grande que, pela minha vóz, vos saúda, neste instante. A Maçonaria brasileira tudo espera, agora, da nova organização paulista. Entregando-vos os destinos da Ord. neste Estado, eu não vos quero illudir sobre as tremendas responsabilidade que assumis, antes venho vol-as relembrar.*

*Como chefe supremo da Maçonaria brasileira, declaro regularmente installada a Grande Loja Symbolica Regional de S. Paulo.*

*Vós me dareis conta desse deposito, que em vossas mãos confio em nome da Maçonaria no Brasil.*

*E as minhas esperanças todas são de que um côro de applausos, partidos de todos os Orientes do Brasil, corôe, dentro de muito pouco tempo, o esforço, a operosidade, o devotamento, o espirito maçónico dos Irmãos paulistas.*

*E essa será para vós, como para mim será, responsaveis que somos por esta criação, a melhor de todas as recompensas.*

---

## LIBERDADE DE CONSCIENCIA

“A' segunda Republica cabe manter, em toda a sua plenitude, a liberdade de consciencia, por todos os meios que ella possui para exprimir-se.

O regimen monarchico já consagrara, no liberalismo de suas leis, essa prerogativa do povo, que é um direito decorrente da propria dignidade humana.

A Republica, no codigo magnifico de leis, que era a Constituição de 24 de Fevereiro, consolidou essa conquista. A revolução só poderá respeitá-la e ampliá-la, afim de corresponder aos ideaes dos que a estimularam e fizeram.

Sem liberdade de consciencia, um povo não é digno de si mesmo nem estaria chamado a desempenhar o seu lugar na civilização contemporanea. Com a liberdade de consciencia, teremos que assegurar todas as liberdades espirituaes que a Constituição de 1891 já consagrara, com admiravel amplitude.

Haja vista o que acontecia, entre nós, com as relações entre a igreja catholica e o Estado, num regimen de equilibrio ideal sempre citado pelos sociologos do mundo inteiro como uma honra inegalavel para as instituições nacionaes do Brasil.

A igreja livre, dentro do Estado livre, consubstancia a formula insubstituivel, si quizermos manter, como até aqui, o progresso paralelo das forças espirituaes e civis, que governam a sociedade.

Nesse capitulo, toda retrogradação constituiria um verdadeiro absurdo que a elevada mentalidade do povo brasileiro jámais haveria de tolerar.”

A. A. BORGES DE MEDEIROS



# Os Mystérios Antigos

## e a Maçonaria Moderna

(Continuação)

Com isso, está preparado para soffrer a quarta iniciação, symbolisada pela paixão, pois triumphou da natureza e quer pregal-a na cruz. E, embora entre em Jerusalém triumphante e confiado de que está preparado para o sacrificio, sente a amarga agonia do jardim das oliveiras e, durante um instante, ora para que o Senhor lhe retire o calix, amargo calix da traição, da deserção e da dôr, quando, nos horrores dessa prova final, parece que está abandonado até pelo proprio Pae. Sua visão interna se nubla e pensa, a sós consigo mesmo; ainda, porém, tem força para descer com indomavel confiança á vida inferior dos infernos para não deixar de pisar uma só região do universo. Livre, já, do seu corpo physico, volve-se outra vez para a luz; sente-se, de novo, Filho e se encontra em condições de passar a quinta iniciação, symbolisada pela resurreição e pela ascensão, e, levantando-se triumphante sobre a morte e o inferno, permanece algum tempo na terra afim de ensinar a seus discipulos e ascender, finalmente, ao Céu.

Esta descripção biographica do evangelho é uma allegoria da vida de todos os iniciados. Os Ritos iniciaticos symbolisam as etapas por que passa o candidato. A etapa do progresso da alma, representada por meio da morte, do enterro e da resurreição, recebia, no Egypto, o nome de "rito da morte" e era conhecida pelos gnosticos christãos pelo nome de "Iniciação da Cruz".

O Hyerophante recebia o candidato em lugar recondito e solitario de um templo ou de uma pyramide, onde se o deitava ao sólo com os braços abertos e, algumas vezes, sobre uma cruz na qual se haviam feito concavidades para receberem a forma humana. Para logo, tocavam-lhe com o tirso — a "lança da crucificação" — sobre o coração e entrava em profundo transe. O corpo do candidato era collocado num sarcophago de pedra ou tumba, situado sob a Camara iniciatica. E, enquanto o corpo parecia estar morto, o discipulo vivia no mundo



invisível (Hades), onde soffria as provas da terra, da agua, do fogo e do ar. Depois, se revestia, por assim dizer, com seu corpo perfeito de Felicidade, organizado já como vehiculo da consciencia. Ao terceiro dia, se desenterrava a cruz em que estava encerrado o candidato, collocando-se-a ao ar livre sobre a parte oriental da pyramide para que a illuminassem os raios do sol nascente. E, tocado, no rosto, pelos primeiros raios do sol, o perfeito Iniciado, o Horus ou Christo, levantava-se dos mortos; seu corpo resuscitava e deixava de ser um homem natural para converter-se em homem espiritual que havia triumphado da morte e do inferno.

Com o transe se desejava symbolisar a "morte no peccado" e, com o renascimento, "a resurreição na virtude". Nos "Feitos de João" se conserva a tradição, existente nas escolas internas, sobre o mysterio da "Iniciação da Cruz", na qual não se encontra vestigio algum de tradição historica. A crucificação era uma experiencia interna da alma. A cruz symbolisava a crucificação da alma na materia e sua regeneração. Segundo o Dr. Hartman, "a morte mystica é identica á regeneração espiritual". (*Magia Branca e Negra*). A cruz symbolisava, tambem, processos cosmicos. Si nos "Feitos de João" se houvesse explicado o drama tão detalhadamente como a liturgia, teriamos visto que a paixão do Christo foi algo completamente differente do que supõe o vulgo. Nas Conferencias anteriores, demonstramos que os ritos symbolicos da "crucificação" e da "resurreição dos mortos" existiram em todos os festivaes mysticos da antiguidade, o que é um facto de summa importancia, porque por elle, se póde comprehender a significado da crucificação e da resurreição de Christo.

Quando o neophyto alcançava certo gráo de perfeição e de illumination, dizia-se "que se havia levantado entre os mortos". A phrase mystica "resurreição dos Mortos" se empregava para representar o novo nascimento ou resurreição, a illumination gnostica. Ao chegar o candidato a este estado, alcançava a immortalidade, porque conseguira adquirir a consciencia ininterrupta de seu ego espiritual, convertendo-se em um Christo triumphante: "Eu sou aquelle que vive e estava morto. E é aqui que estou vivo para todo o sempre, Amen, e tenho as chaves do céu e do inferno" (*Apocalipsis*, 3, 7 e 8).

Sobre esta importante cerimonia, citaremos varias autoridades.

O Dr. Oliver, fallando da iniciação, disse que "com ella queriam representar a morte ou esquecimento mystico de todas as maculas e



imperfeições da vida corrompida e, também, a descida ao inferno, onde toda mancha se limpa pelas lustrações do fogo e da agua. Uma vez realizado isso, se dizia que o Ego se havia regenerado ou nascido pela segunda vez para uma nova existencia de vida, luz e pureza, collocando-se sob a divina protecção” (*History of Initiation, Oliver, pagina 11*).

Em sua obra “*Signaes e Symbolos*”, disse, também, este autor que, “em todes os antigos mysterios, se collocava o aspirante no *Pastos, leito* ou *sepulcro* antes que pudesse participar dos segredos mais profundos da iniciação, isto é, quando se o encerrava, a sós, durante certo periodo de tempo, para que meditasse seriamente, no seio das trevas, sobre o passo que ia dar... Nisto consistia a morte symbolica dos mysterios, enquanto que a sahida da clausura era o acto de regenerar-se ou de nascer outra vez, ou, como, também, se dizia, a resurreição dentre os mortos... A cerimonia a que aqui alludimos era a mesma, indubitavelmente, que a descida ao Hades... A resurreição do candidato da tumba ou leito symbolisava sua volta á vida ou sua regeneração em um novo mundo, e, virtualmente, significava o mesmo que a volta do Hades... O candidato passava por todas estas provas em uma representação scenica, collocando-se-o no *Pastos*, em perfeita Obscuridade, geralmente por espaço de tres dias e tres noites” (*Signs and Symbols, Oliver, pag. 78*).

O Dr. Mackey opina que “A caverna symbolisava a tumba nos mysterios antigos, pois a iniciação era o emblema da morte que é onde, unicamente, se póde fallar a Verdade Divina” (*Encyclopedie of Freemasonry, Mackey, pag. 852*). E acrescenta que “as ceremonias iniciaticas tinham por fim representar scenicamente a morte e a volta á vida, para inculcar as grandes verdades da resurreição dos mortos e da immortalidade da alma. ... Torio. Começavam por tristezas e lamentações e terminavam alegremente; havia *aphanismo* ou enterro; um *pastos* ou tumba; uma *euresis* ou encontro do que se havia perdido, e uma *lenda* ou relação mystica, tudo tendo um caracter profundamente symbolico” (*The Symbolism of Freemasonry, Mackey, pag. 38*).

Faber, também, disse que: “A Iniciação nos Mysterios representava, scenicamente, a mystica descida ao Hades e a volta á luz do dia” (*Origen of Pagan Idolatry, Faber, vo. IV, pag. 384*).

Muitas outras citações autorisadas dariamos em apoio da evidencia desta cerimonia, mas cremos que as apresentadas são sufficientes



para demonstrar a universalidade da cerimonia e sua relação com todas as Instituições dos Mystérios.

A phrase de Jesus de que o “Filho do Homem permaneceria tres dias e tres noites no seio da terra” corresponde ao antigo rito, mas o intervallo existente entre a tarde de sexta-feira e a manhã de domingo, a que se refere o relato historico dos Evangelhos, não póde considerar-se como tres dias e tres noites. Sugeriu-se a idéa de que o encurtamento do tempo se deveu a que, ao degenerarem-se os Mystérios, se intentou diminuir todas as exigencias, pois o periodo original parecia muito enfastioso para os candidatos, que não podiam entrar em transe, pelo que se reduziram as 72 horas para 27, invertendo-se as cifras e perdoando-se ao candidato perto de dois dias de encerramento. O relato materializado dos Evangelhos seguiu, evidentemente, esta ultima pratica.

Os grandes ritos representavam, originariamente, grandes verdades espirituaes. O corpo em que os candidatos “resuscitavam dos mortos” era o Corpo de Felicidade, o corpo christico que haviam desenvolvido durante o periodo de seu serviço na terra. Este corpo, que corresponde á vida do Iniciado, isto é, á vida do Christo, começa a formar-se, como o segundo nascimento, quando nasce o Christo no homem, terminando-se sua formação com a resurreição. O iniciado é chamado “Filho do Homem” durante o periodo evolutivo em que o Filho “se está tornando perfeito” e o Christo resuscitado, perfeito e glorificado, recebe o nome de “Filho de Deus”.

Outro traço importante e saliente da historia de Christo é a ascensão, que está em relação com a terceira parte do corpo espiritual, isto é, com a investidura do corpo atmico, conhecida na Pistis Sophia pelo nome de Investidura da Gloria. A evolução espiritual consiste em organizar e vitalizar os envolucros humanos até que se convertam em Vestes ou Roupagens de Poder e de Gloria, das quaes se servem os Regenerados no “Caminho da Ascensão” ou “Caminho superior”. A Suprema Investidura prepara o Filho para que se una com o Pae, factó espiritual que se symbolisa por meio da Ascensão. O relato evangelico da Ascensão é uma descripção desta verdade interna e mystica experimentada por toda alma que se une com Deus.

A Ascensão da humanidade occorrerá quando toda a raça haja alcançado a condição de Christo, o estado de Filho, Filho que se unificará com o Pae, para que Deus esteja todo em todos. Esta é a meta



final que representa o triumpho do iniciado e que só se alcançará quando a raça humana seja perfeita e quando a grande Orphã Humanidade deixe de sel-o e se reconheça como Filha de Deus". (*Christianismo Esoterico, Bessant*).

---

## CAPITULO VII

### SIGNIFICADO DA VERDADEIRA INICIAÇÃO

(*Conclusão*)

Em tudo quanto, anteriormente, expuzemos, vimos que o Christo dos Mystérios tem dois aspectos: o Mystico e Mythico. No Mystico, o Microcosmos — o Homem ou o Christo dos Mystérios — representa o segundo aspecto do espirito divino da humanidade; no Mythico, o Macrocosmos — o Cosmos ou Christo dos Mystérios — representa o Logos manifestando-se por meio de seu segundo aspecto. Nessa conferencia, estudámos o Christo Mystico e, nesta, vamos considerar o Mythico.

Os Mystérios conservaram, cuidadosamente, os factos da vida espirital, divulgando-os unicamente por meio de uma linguagem symbolica. A doutrina popular do Christo Mythico e cosmico dos Mystérios se contem no mytho Solar, e tenha-se em conta que os mythos não são meras ficções, mas, sim, podem ser mais exactos que a propria historia escripta, pois são verdades representadas em forma pinturesca. Os iniciados deram aos symbolos uma significação definida. E', portanto, preciso conhecer o verdadeiro significado dos mesmos para que se possa decifrar o sentido real dos Mythos.

O mytho solar representa, primeiramente, a actividade do Logos (ou Christo mystico) no universo; e, secundariamente, a vida mystica do Iniciado. Assim, pois, a historia do Deus-Sól é de grande importancia. Começa com o seu nascimento no solsticio de inverno, após o dia mais curto do anno, nascimento que se verifica nas primeiras horas do dia 25 de Dezembro, quando o signo Virgo apparece no horisonte. Assim, o Deus-Sól nasce de uma virgem, que virgem continua depois de haver dado á luz ao Sól-Menino, porque a Virgem celeste não soffreu ne-



nhuma mutação. Nos antigos desenhos, se representa o signo Virgo do Zodiaco por uma mulher que amamenta o filho, de cuja representação se originou o Symbolo da *Madona* ou da Virgem Christã.

O Deus-Sol é debil na infancia, pois nasce no periodo em que os dias são curtos e as noites longas. Numerosos perigos o cercam em sua meninice; sobrevive, porém, ás espionagens das trévas e das tormentas, terminando por chegar á virilidade. Apesar disso, sua crucificação se approxima e os gloriosos dias que precedem ao equinoxio da primavera para logo ver-se-ão nublados pelas desordens solares ocasionadas pelo cruzamento da linha equinoxial, cruzamento que recebe o nome de crucificação e cuja data varia todos os annos. Isso, porém, nada mais é que uma illusão, pois a morte é o caminho para a vida superior, e o Deus-Sól não tarda a levantar-se triumphante e ascender ao céu, emquanto as tormentas se dissipam e as trevas cedem ante a luz triumphante. Jupiter, Osiris, Horo e Apollo triumpham de seus inimigos em, emquanto a natureza inteira se rejubila celebrando sua victoria, a ordem se substitue á terrivel confusão que reinava sob o imperio de Typhon e de Ariman. Esta fabula do triumpho da Luz sobre as Trevas se tem conservado em toda parte. Os elementos não pódem, por muito tempo, sepultar o Sól porque elle se levanta dos mortos e ascende aos ceus, até alcançar o pinaculo de sua gloria e de sua perfeição no solsticio do verão. Alli, reina victorioso e dá sua vida para amadurecer os fructos e as sementes e alimentar seus adoradores.

Os pontos primordiaes das vidas de todos os Deuses-Sól são que todos nascem a 25 de Dezembro e são crucificados no equinoxio da primavera. A data de nascimento é, sempre, fixa, emquanto que a de sua morte é variavel. Isto bastaria para demonstrar que a Natividade e a Paschoa de Resurreição (o domingo seguinte á primeira lua cheia depois do equinoxio da primavera) foram, originariamente, festas solares, já que é impossivel que se commemore o anniversario de um acontecimento historico por uma festa cuja época se calcula, pelas posições relativas do sól e da lua. Não se trata, portanto, da historia de um homem, mas da do Heroe de um mytho solar.

Curioso é que o jejum que precede á Paschoa de Resurreição haja sido observado universalmente, durando, em muitos paizes, os quarenta dias de nossa quaresma. Claro, pois, que, originariamente, este periodo se reduzia unicamente ao tempo que medeia entre a morte e a resurreição.



Outro facto interessante é que o animal adoptado como symbolo do Heróe é o signo do Zodiaco em que se encontra o Sól no equinoxio da primavera da época do Heróe, signo que varia com o movimento retrogrado dos equinoxios. Assim, por exemplo, Oannes e Jesus tiveram o signo dos peixes ou Picis; Mithra e Osiris, o do Touro ou Taurus; Jupiter-Amóm, o de Aries ou Cordeiro, etc. Representa-se tambem, Jesus, personificação do Christo, pelo Cordeiro.

Assim, pois, o Mytho Solar representa, primitivamente, a actividade do Logos no Cosmos, actividade que se reflecte de uma maneira parcial no curso que, annualmente, o Sól segue. O Logos, em seu segundo aspecto, ou seja como o Christo mystico cósmico descendo á materia, encarna ou se veste de carne, sacrificando-se ao limitar-se na materia e entrando na matriz da materia, a qual é ainda improductiva ou virgem. O Espirito Santo vivifica a materia para que esta possa tomar fôrma e esteja, portanto, preparada para receber a vida do Segundo Logos, ou aspecto filial de Deus, que se serve da materia como vehiculo de suas energias. O credo original de Nicéa diz assim: “E foi encarnado do Espirito Santo e da Virgem Maria”, não só da materia virgem como da materia cheia da vida do Terceiro Logos, para que a materia e a vida circundassem a Christo, como uma vestimenta.

Por isso, a descida do Logos na materia se representa, na vida historica dos Salvadores, pelo mytho do “Nascimento Virginal”, e, no Mytho Solar, pelo nascimento do Deus-Sól. Querér representar esta idéa allegorica com a vida historica de um ser humano e identifical-o com Jesus e os demais Salvadores do Mundo, é um disparate.

Depois da encarnação “vêm as primeiras actuações do Logos na materia, as quaes se symbolisam pela infancia do Mytho. Na debilidade de sua infancia, os magestáticos poderes do Logos se sentem opprimidos, desenvolvendo pouca actividade nas fôrmas terrenas em que se encontram encarnados. A materia aprisiona e ameaça matar o menino Rei, cuja gloria se encontra velada pelas limitações a que se submetteu. Pouco a pouco, moldeia elle a materia para fins cada vez mais altos e chega a sua virilidade, estendendo-se sobre a cruz da materia para exteriorisar, desta cruz, todos os poderes de sua vida submissa... Parece morto e enterrado; Elle, porém, ergue-se coberto com a mesma materia, na qual parecia ir morrer, e ascende com seu Corpo, que é, agora, de materia radiante, aos céus, onde recebe a vida, que emana do Pae, e se converte em vehiculo da vida immortal de um homem, porque o Logos



fórma com sua vida a veste da alma humana e se offerta para que os homens possam viver atravez dos seculos e crescer até serem como Elle. Na verdade todos nós nos vestimos como Elle; primeiro, de um modo material e, depois, espiritualmente. (*Christianismo Esoterico*, pag. 181).

Desta maneira, o Logos abandona o plano do infindo, onde é uno com o Pae, e se encarna e se crucifica no espaço. Tal é a Crucificação de Christo, o grande sacrificio cosmico, representado pelo symbolo do Homem crucificado, que acaba materialisando-se, ao morrer na cruz. Esta historia é a de varios Salvadores do mundo; a crucificação original, porém, não era uma desgraça, porque o symbolo, de que se valiam para representar esse mysterio, era o do Homem Celeste, com os braços abertos, derramando luz e vida sobre suas creaturas. O Mytho Solar bosqueja esses grandes acontecimentos espirituaes referentes á actuação de Deus no universo.

Todo symbolo tem um significado primario e outro secundario. O Sól, segundo seu significado primario, é um symbolo do Logos; mas, além disso, o é, tambem, de um Homem que representa o Logos. Assim, um Grande Iniciado poderia ter o Sól como symbolo em virtude de sua missão no mundo. Todos os Iniciados têm certas características communs e passam por determinadas actividades, existindo, portanto, grande semelhança entre suas vidas, pois suas vidas historicas, como iniciados, se delineiam de accordo com o curso do Sól.

Quando um homem alcança a Iniciação, ou quando se envia ao mundo um Iniciado para que seja o Instructor dos homens e, especialmente, quando um espirito, como o de Jesus, se faz Hierophante dos Mysterios, as lendas do Christo Mystico, attribuidas, tambem, a outros Grandes Seres, o envolvem e circundam, vestindo-o com a roupagem pinturesca do Mytho Solar. Isto é natural, pois o Mytho Solar representa as differentes etapas porque Elle passou, symbolismo que só se póde applicar á etapa christica de evolução. A data de nascimento de todo Christo ou Grande Instructor é quando o Sól nasce da Virgem, sendo o signo do equinoxio da primavera o que corresponde a sua crucificação. Apesar dessas datas serem puramente arbitrarías, pois foram tomadas do mytho solar, os factos symbolisados no nascimento, morte e resurreição foram realidades vivas na vida mystica de todo filho de Deus.

(Continu'a)



# NOMINATA

*Dos SSob.: GGr.: IInsp.: GGer.: Membros Effectivos  
do Sob.: Sup.: Cons.: para o Brasil, com as  
respectivas antiguidades*

1 —	Dr. Mario Behring	1907
2 —	Antonio Joaquim Rebello	1909
3 —	Capitão João Marinho da Cruz	1910
4 —	Dr. Manoel Gonçalves Pecego	1912
5 —	Capitão Antonio Maria Senand Belém	1914
6 —	Almirante Verissimo José da Costa	1914
7 —	Manoel Francisco Gomes	1914
8 —	Dr. Amaro Arthur de Albuquerque	1921
9 —	Dr. Bernardino de Almeida Senna Campos	1922
10 —	Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio	1923
11 —	Dr. Carlos Reis (S. Paulo)	1926
12 —	Dr. Gaspar Antonio Vieira Guimarães (Amazonas)	1926
13 —	Dr. Mario Carneiro do Rego Mello (Pernambuco)	1926
14 —	Coronel Apollinario Pinheiro Moreira (Pará)	1927
15 —	Dr. José Mattoso Maia Forte	1927
16 —	Dr. Carlos de Castro Pacheco	1928
17 —	Dr. Hugo Martins Ferreira	1928
18 —	Comt. Esculapio Cesar de Paiva	1928
19 —	Almirante Arthur Thompson	1928
20 —	Dr. Alvaro de Figueiredo	1929
21 —	Augusto Simões (Parahyba)	1929
22 a 33 —	Vagos	

## *Membros do Sacro Collegio 1927 - 1932*

Sob.: Gr.: Comm.	Dr. Mario Behring
Lug.: Ten.: Comm.	Dr. Bernardino de A. Senna Campos
Gr.: Secr.: do S.: I.	Dr. Amaro Arthur de Albuquerque
Gr.: Chanc.	Comt. Esculapio Cesar de Paiva
Gr.: Thes.: do S.: I.	Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio
Gr.: Min.: de Estado	Capitão João Marinho da Cruz
Gr.: Min.: das RR.: EExt.	Alm. Verissimo José da Costa
Gr.: Hosp.	
Gr.: Mest.: de CCer.	Dr. Manoel Gonçalves Pecego
Gr.: Port.: Est.	Manoel Francisco Gomes
Gr.: Port.: Esp.	Antonio Maria Senand Belém
Gr.: Cap.: das GG.	Dr. Alvaro de Figueiredo
Gr.: Secr.: Adj.	Dr. Hugo Martins Ferreira
Gr.: Thes.: Adj.	Dr. Carlos de Castro Pacheco
Gr.: Mestr.: CCer.: Adj.	Antonio Joaquim Rebello

## *Membros Emeritos*

Alberto Gracie	1926
Nicolau Alotti	1930
Antonio Olavo de Lima Rodrigues	1930

## *Membros Emeritos de Honra*

Dr. Alejandro Sorondo—Ex-Sob.: Gr.: Comm. da Rep. Argentina.
John H. Cowles—Sob.: Gr.: Comm. da Jur.: Sul dos E. U. A.
Armand Anspach-Puissant—Sob.: Gr.: Comm. para a Belgica.



